

# Cibermigrantes brasileiros a navegar na rede social orkut \*

Cynthia Harumy Watanabe Corrêa \*\*

Universidade Estadual de Londrina

## Índice

1. Introdução	1
2. Ciberespaço como não-lugar reterritorializante	2
3. Distinção cultural entre local e global	3
4. O nômade, o estrangeiro e o cibermigrante	6
5. Conclusão	10
6. Bibliografia	10

## 1. Introdução

Em tempos de cibercultura, torna-se instigante avaliar as manifestações de socialidade e os imaginários sociais construídos em torno da internet, os quais se disseminam na era do globalismo redimensionando as relações em âmbito internacional, nacional e

local. Tais práticas e estilos de vida contagiavam todos os lugares, dos tradicionalmente definidos por raízes culturais, históricas e limitados geograficamente, aos não-lugares (Augé, 1994), como vias expressas, ambientes virtuais, espaços de passagem, deslocados temporal e espacialmente.

Diante de um cenário de coesão comunicacional apoiada em tecnologias digitais cada vez mais especializadas apresenta-se um estudo sobre a apropriação cotidiana de redes sociais *on-line*, recursos disponibilizados na internet desde 2002. A rede orkut<sup>1</sup> lançada em janeiro de 2004 pela empresa norteamericana Google tornou-se referência entre os *sites* do gênero, com a proposta de ajudar os membros a reencontrar amigos, conhecidos e a estabelecer novas amizades.

Trata-se do sistema mais popular entre os brasileiros, que representam cerca de 52% dos associados. Parte do sucesso do orkut deve-se à possibilidade de se formar comunidades de interesse, sendo elevado o número de grupos que fazem menção a lugares e a territórios localizados geograficamente. Como se todos quisessem demarcar o seu lugar de origem e realçar traços iden-

\*O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES.

\*\*Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-Brasil, com estágio doutoral na Université René Descartes, Paris V-França. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação, Universidade Estadual de Londrina. E-mail: cynthiahwc@gmail.com.

<sup>1</sup> Site oficial: <<http://www.orkut.com/About.aspx>>.

titários para se distinguir dos outros em uma rede social fundada no ciberespaço, de natureza global e pós-moderna.

A pesquisa baseia-se na hipótese de que a internet, enquanto um não-lugar desterritorializante e sem fronteiras, poderia reterritorializar lugares, comunidades e culturas. Nesse sentido, investigou-se como o lugar Brasil, identitário, relacional e histórico, poderia ser imaginado na rede orkut, a partir de tribos virtuais criadas para reunir os brasileiros residentes no exterior; além de analisar os interesses e situações que motivariam a agregação de pessoas dispersas pelo mundo em grupos referentes ao país de origem e à identidade cultural. Para tanto, foram examinadas com o método etnográfico, aplicado ao estudo de práticas culturais desenvolvidas no ciberespaço, as duas comunidades mais antigas e de maior popularidade nomeadas de “Brasileiros no Exterior” do *site* orkut, no período de janeiro a junho de 2007.

## 2. Ciberespaço como não-lugar reterritorializante

Embora a ideia de não-lugar pareça ambígua, existem diferenças concretas entre os lugares de circulação - aeroportos, *shoppings*, rodovias, redes ciberespaciais - e os lugares definidos antropologicamente. Todavia, Augé (1994) alerta que não se trata de dimensões opostas ou concorrentes, aliás, lugares e não-lugares se complementam. Quanto à desterritorialização, Deleuze e Guattari (1995) argumentam que tal fenômeno não ocorre sem gerar uma nova reterritorialização, mediante reelaborações de ordem simbólica que podem se referir ao ter-

ritório em si e se estender a diversos campos, como o cultural.

Segundo Ianni (1999), a sociedade global desterritorializa quase tudo o que encontra pela frente, inclusive o que permanece territorializado adquire outro significado, emergindo outras conotações para o que é singular, particular, universal. A globalização tende a desenraizar pessoas, relações sociais, modos de ser, pensar, imaginar, sem, contudo, ocasionar prejuízos a suas origens, marcas de nascimento, que são deslocadas para além de suas fronteiras, como acontece com os migrantes.

Nesse panorama, vale enfatizar a sinergia do arcaico, tradicional, com o desenvolvimento tecnológico, que serviria de motor para estimular a proliferação do neotribalismo ou tribalismo pós-moderno no ciberespaço, seguindo uma lógica de identificação estruturada no afeto e que valoriza a dimensão comunitária da socialidade (Maffesoli, 1998). Um exemplo são as redes sociais *on-line* que atuam como ambientes de convivialidade capazes de resgatar valores como a identidade nacional, uma construção simbólica com raízes na modernidade, que faz referência à nação, ao território e a elementos identitários (Ortiz, 1985). Nesse sentido, Maffesoli (2001) afirma que a internet promove a comunhão dos santos pós-moderna, ao incentivar a propagação de múltiplas ideologias que transitam na rede, ligando os espíritos em pontilhado. Talvez essa abordagem neotribalista ajude a entender à adesão em massa dos brasileiros ao orkut.

Sobre a desterritorialização, apesar de existir uma associação automática desse fenômeno com a internet, Haesbaert (2004) diz que esta ligação não tem fundamento, é

um mito, porque a estruturação de uma sociedade em rede não é sinônimo de desterritorialização. Ademais, não é indicado abordar a problemática da desterritorialização isoladamente, já que ela necessita de um processo compensatório, chamado reterritorialização: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?”, indagam Deleuze e Guattari (1995: 18), responsáveis pela origem do termo desterritorialização.

No estudo da internet, então, deve-se afastar o pré-julgamento da desterritorialização como algo negativo, como se a mobilidade fosse sempre um mal; assim como o da reterritorialização ou enraizamento como representante do bem. Afinal, as identificações espaciais e simbólicas são realizadas tanto no enraizamento e na relativa estabilidade da territorialidade, quanto na própria mobilidade implicada no ato de desterritorializar, assim, uma parte expressiva da humanidade identifica-se no e com o espaço em movimento. Se o território hoje é também ritmo, fluxo, rede, é porque ele é rico em significado para quem o constrói e/ou dele usufrui. Vale lembrar que a constituição de territórios por meio da mobilidade humana é uma prática antiga iniciada com os povos nômades.

Além de compreender a desterritorialização como elemento indissociável da reterritorialização, é importante assimilar que aquilo que constitui desterritorialização para uns pode representar reterritorialização para outros; e o que aparece como desterritorialização em uma escala espacial pode surgir como reterritorialização em outra. São fenô-

menos cujos significados se alternam conforme a situação.

Por esse viés, concebe-se o ciberespaço como ambiente capaz de promover uma série de reterritorializações, sem se referir ao território geográfico em si, mas se estendendo a mecanismos de resignificação e resimbolização de marcas culturais e identitárias, que evocam um sentimento de pertença a uma nação.

A quantidade de grupos virtuais realçando aspectos culturais é de tamanha expressão que os antropólogos inauguraram a Antropologia do Ciberespaço (Rifiotis, 2002), um campo fértil para investigar a relação do local com o global em serviços da internet, como os *sites* de relacionamentos sociais. Desse ponto de vista, torna-se interessante estudar a popularidade da rede orkut entre os brasileiros, pois estes não se satisfazem em ocupar desde julho de 2004 a posição de líderes absolutos em número de participantes no sistema, mas fazem questão de criar comunidades nomeando-as com a palavra brasileiro.

Assim, os grupos formados a partir de uma identificação nominal ao Brasil ou ao brasileiro têm um significado, indo além de uma imitação do lugar de origem enquanto território situado fisicamente e até ultrapassam a noção de uma mera referência à identidade cultural. As comunidades se apropriam de um jeito diferente desse não-lugar por meio da re-elaboração de marcas de identificação e códigos de uma brasilidade, gerando processos de reterritorializações do país e da cultura no ambiente virtual.

### 3. Distinção cultural entre local e global

Em uma rede social com milhões de pessoas de mais de 200 países, nota-se um tipo de nacionalismo, espontâneo, gratuito, por meio da exaltação da pátria, do idioma, predominando uma necessidade de enfatizar os traços culturais, as particularidades étnicas, que mundialização nenhuma é capaz de traduzir (García Canclini, 2004). Em tempos de globalização tecnológica que interconecta o planeta e estabelecem novas distinções, o autor propõe uma compreensão sobre os desiguais e os desconectados observando a chamada interculturalidade: a interação que se intensifica entre culturas por meio de negociação, ajuda recíproca e conflito impulsionados por intercâmbios tecnológicos e econômicos.

A interculturalidade conquista espaço à medida que as transformações enfraquecem as arquiteturas da multiculturalidade, uma forma de produção do social que supõe a aceitação do heterogêneo. Em outras palavras, passa-se de um mundo multicultural, marcado pela justaposição de etnias em uma cidade ou nação, para outro intercultural globalizado. Consequentemente, o orkut pode ser apreendido como um sistema intercultural global, onde os participantes se responsabilizam pela organização e divulgação das interculturalidades e das diversidades culturais.

Por outro lado, o sucesso das redes sociais na internet pode estar relacionado a uma perspectiva da superabundância espacial (Augé, 1994). Quando entraria em ação uma variedade de universos fictícios para agir como universos de reconhecimento. A superabundância espacial do presente se alastra

na multiplicação das referências energéticas, imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte; resultando em alterações físicas como as concentrações urbanas, transferências de população e reprodução dos não-lugares.

A abrangência da internet, desse modo, favorece a manifestação de anseios locais, marcando a diversidade cultural, a demarcação de localismos no panorama global do ciberespaço. Trata-se de um paradoxo da cibercultura arquitetada sob uma condição pós-moderna da vida: na mesma proporção que aumenta o número de mensagens circulando mundialmente, amplia-se a quantidade de imaginários mobilizados, e mais as diferenças culturais se afirmam. Em um planeta conectado via comunicação digital, ocorre o fechamento em uma infinidade de grupos que valorizam uma cultura específica, reforçando de modo exclusivo o laço entre semelhantes. Uma tendência designada por Alstyne e Brynjolfsson (1997) de ciberbalkanização, quando as facilidades de contato através de tecnologias emergentes levariam a uma fragmentação da sociedade em associações de interesses particulares.

O enfoque recai no potencial de balkanização ou integração de interações apoiada em preferências, inclusive, social, intelectual e filiações econômicas, análogas às regiões geográficas. Em determinados casos, a fragmentação parece ser mais intensa no ciberespaço, à medida que a heterogeneidade local pode dar lugar a uma homogeneidade virtual como acontece com as comunidades de caráter tribal observadas nesse estudo, que conseguem aglutinar na rede orkut uma parte da população migrante originária do Brasil. Sobre a relação entre cultura e território, Hannerz (1998) declara que as cul-

turas como fenômenos coletivos estão, por definição, vinculadas a interações e a relações sociais, e apenas indiretamente e sem necessidade lógica estariam ligadas a um espaço físico.

Conforme Lemos (2006), não há um modelo para a elaboração de tribos contemporâneas, pois elas não precisam surgir de um local situado geograficamente, nem ser uma exclusividade da virtualização de encontros sociais, sobretudo, porque alguns grupos promovem reuniões presenciais. As tribos podem nascer virtualmente e/ou a partir de uma localização física, um país, uma região, podendo coexistir e se relacionar no ambiente virtual ou fora dele. Como ocorre com as agregações de “Brasileiros no Exterior”, cujos participantes se organizam via rede orkut e vivem fora das fronteiras do Brasil, são os brasileiros migrantes.

Por conseguinte, todo sistema de comunicação estruturado no ciberespaço, efetivamente desterritorializante, é envolvido por um movimento de territorialização simbólica. O uso de redes telemáticas e de dispositivos móveis, como a telefonia celular, induz a processos de territorialização e desterritorialização que resultariam em uma nova reterritorialização (Lemos, 2006).

No que se refere ao campo cultural, García Canclini (1998) afirma que os dois movimentos estão acoplados: a ocorrência de desterritorialização, a perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais, igualmente, provoca a reterritorialização, quando se esboçam realocações territoriais das velhas e novas produções simbólicas.

O ciberespaço pode até ser palco de uma desterritorialização cultural, mas no fim sempre se produzirá uma reterritorialização.

Logo, criar um território implica em manter o controle sobre todas as ações reveladas dentro das fronteiras, já desterritorializar faz alusão à probabilidade de se movimentar nessas fronteiras, mediante a produção de linhas de fuga, uma oportunidade de resignificar o inscrito e o instituído. A cibercultura não somente contribui para destruir hierarquias e fronteiras, mas tem a capacidade de instituir outras por meio da desterritorializações.

É compreensível que o mundo social careça de territórios para existir, que podem assumir o contorno de leis, instituições, arquiteturas, no entanto, Lemos (2006) alerta que o vitalismo dos grupos só se manifesta através de tensões desterritorializantes que reestruturariam tais territórios. Assim, a vida social se caracteriza pela mobilidade e fluidez, enquanto a própria dinâmica da sociedade se institui por movimentos de fuga. No espaço das megacidades, estão em jogo as produções de sentido advindas com a apropriação das tecnologias móveis e do ciberespaço.

Além disso, a mediação que estabelece o elo dos indivíduos ao seu círculo no espaço do não-lugar é atravessada por palavras e textos: “Sabemos, antes de mais nada, que existem palavras que fazem imagem, ou melhor, imagens [...]” (Augé, 1994: 87). Algo que remete à abordagem maffesoliana sobre a instituição do laço social na pós-modernidade apoiada na comunicação visual, em jogos de imagem, na aparência e viral, por contágio, a partir de uma concepção estética de formar socialidade: “Decididamente, a estética (*aisthesis*), o sentir comum, parece ser o melhor meio de denominar o ‘consenso’ que se elabora aos nossos olhos, o dos sentimentos partilhados ou sen-

sações exacerbadas [...]” (Maffesoli, 1996: 13). É interessante destacar que a lógica de associação em redes virtuais, assim como o afeto que lhe serve de vetor, traz consigo um caráter basicamente relativista.

A cultura pós-moderna abre caminho para a explosão de uma infinidade de estilos de vida, que se multiplicam, encontram-se e se reelaboram a todo instante, aflorando um multiculturalismo capaz de conviver ora de maneira conflituosa, ora harmoniosa. Para Maffesoli (2004), a comunicação é o que faz religação, é cimento social, pois só se pode existir e se compreender na e pela relação com o outro. O autor sugere que na palavra comunicação existe a idéia de encontro, ou seja, o ato de vibrar junto desperta o imaginário coletivo.

Consequentemente, o não-lugar reterritorializado no espaço simbólico de uma rede social atua como lugar de encontro, aproximando pessoas que buscam valores tradicionais identificados à nação, à pátria, à cidade. Uma possibilidade que se amplia e se dissemina a cada dia em escala mundial, nacional, regional e local, percorrendo todos os lugares e não-lugares habitados por pessoas que exercem vários papéis na teatralização cotidiana.

Inserido na superabundância de imagens articuladas na sociedade do espetáculo, o passageiro dos não-lugares vive a experiência simultânea do presente perpétuo e do encontro de si (Augé, 1994) motivado pela lógica da identificação e por uma socialidade eletiva fundada na concepção estética, no imaginário, a partir da comunicação, o cimento social do mundo pós-moderno (Maffesoli, 1996, 2004).

É relevante frisar que o aventureiro ou o viajante, geralmente, não é bem aceito no lo-

cal de chegada, porque carrega consigo um risco moral inegável ao ser considerado um portador de novidades. Isto explica o ar de desconfiança que predomina em torno do viajante, ao se apresentar como testemunha de um mundo paralelo, onde o sentimento, sob suas diversas expressões, é vagabundo, e a anomia tem força de lei. O curioso é que o viajante será sempre uma ave de passagem, independente da razão de seu deslocamento; e enquanto tal deve ser acolhido fora dos limites da cidade (Maffesoli, 2001).

#### **4. O nômade, o estrangeiro e o cibermigrante**

A figura do estrangeiro ou estranho é estudada em profundidade por Simmel, para quem eles desempenham um papel significativo nas interações sociais, ao servirem de intermediários com a exterioridade e, por meio dela, com as diversas formas de alteridade. Portanto, são partes integrantes e estruturantes do próprio grupo, sendo uma condição capaz de gerar benefícios ou conflitos. Contudo, o mais importante é verificar que essas formas de interações condicionam as relações de reciprocidade, elementos essenciais para a manutenção de sociabilidade (Moraes, 1983).

Há um vínculo forte entre o nomadismo e o ato migratório, tanto que o nomadismo não se define por uma necessidade econômica ou por uma questão simplista de funcionalidade. O nômade é conduzido por um desejo de fuga, de evasão, por um tipo de pulsão migratória que o estimula a se deslocar, mudar de lugar, de costumes, parceiros, visando colocar em cena uma diversidade de facetas que compõem a sua personal-

idade. O nomadismo, segundo Maffesoli (2001), não corresponde ao conjunto da população, mas, vivido de um modo paroxístico por alguns, alimenta um imaginário coletivo global. Como tal, é parte integrante do conjunto da sociedade. Por trás da vontade de se locomover, existe uma parcela expressiva de imaginário.

Certas sociedades como a japonesa e a portuguesa assumem, de forma concreta, a chamada pulsão migratória, transformando-a no fundamento de seu ser-conjunto. Um caso clássico é o de Portugal, cujo vasto império serve de testemunha para o espírito aventureiro de sua população, que sempre foi atraída pela idéia de partir em busca de algo distante. Para Maffesoli (2001: 52):

A famosa 'saudade', própria do país e de seus habitantes, acha, talvez, sua origem nesse amor longínquo. É a nostalgia simultânea de um país aventureiro e de um futuro que achará sua plena expressão na concretização das potencialidades legadas por um tal passado.

O autor elabora a hipótese de que a saudade e o espírito aventureiro que ela não cessa de impulsionar têm raízes na constituição do povo português, o qual assumiria de forma mais enfática sua origem fixada sob uma mistura de populações distintas. Quando, então, todo o corpo social guardaria a memória de sua errância fundadora.

A miscigenação peculiar do povo lusitano teria dado condições para que Portugal edificasse o Brasil: os anômicos portugueses, mandados a essas terras longínquas, reviviam o desejo de aventura de seus ancestrais e, ao criar um novo país, redinamizavam o poder da mãe pátria (Maffesoli, 2001). Igualmente, a nostalgia do outro lugar tam-

bém produziria a errância que, por sua vez, favoreceria ao ato fundador.

Com base nesse exemplo, constata-se que o amor da aventura testemunha a força de uma cultura, especialmente, quando se refere a uma cultura enraizada em um imaginário que não se satisfaz com uma institucionalização repleta de suscetibilidades. Enfim, o próprio da cultura, tomada em seu sentido mais forte, é favorecer aquele que crê:

As maneiras de ser e de pensar que poderiam ser qualificadas de confusas, flutuantes, decompostas ou, simplesmente, aventureiras, são, em nossos dias, amplamente vividas por uma série considerável de marginalidades, tendendo a tornar-se o centro da sociabilidade em curso de elaboração. [...] Assim, como o nomadismo participou da 'construção' de civilizações anteriores, pode-se imaginar que ele contribuiu para a construção da realidade social contemporânea (Maffesoli, 2001: 61-62).

As liberdades aparentadas com as do errante reencontradas em vários períodos históricos e em distintas civilizações traduzem bem a necessidade de aventura, o prazer dos encontros efêmeros, o desejo do outro lugar e, definitivamente, a busca de uma fusão comunitária. Trata-se de um ideal comunitário evidenciado por sinais tribais de reconhecimento (acessórios, roupas, linguagens, gostos semelhantes), que transcendem as fronteiras testemunhando uma participação comum e um espírito do tempo feito de hedonismo, relativismo, valorização do presente e de uma energia renovada cotidianamente. Por isso a dificuldade de interpretar o neotribalismo em termos de finalidade, de sentido da história ou outras categorias atreladas à economia e à política, empre-

gadas com frequência em avaliações sobre o vínculo social.

Para o autor, a liberdade de tom e de postura segregada pelo ambiente libertário do momento não deve ser explicada como índice de uma ideologia individualista ou de um narcisismo efêmero. O foco não é o eu empírico, o do ego da tradição ocidental em geral e do cartesianismo em particular, e sim aquilo que o budismo nomeia de o eu original: “Eis o fruto do nomadismo contemporâneo: ele pediu emprestado a diversas civilizações elementos que o racionalismo triunfante tinha ocultado ou marginalizado, e disso faz o centro da sociabilidade contemporânea.” (Maffesoli, 2001: 69).

O tema da errância traz consigo o problema da fuga que é sempre necessária, além de exprimir uma sensação de nostalgia e lembrar o ato fundador. Como a fuga tem um sentido, ela deve ser operada a partir de alguma coisa estável, pois para se ultrapassar o limite, é preciso que ele primeiramente exista. Para descrever este fenômeno em sua globalidade, Maffesoli (2001: 79) apresenta o conceito de enraizamento dinâmico:

Trata-se no caso de uma bipolaridade, especificando da melhor forma o antagonismo paradoxal de toda existência. Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente.

O enraizamento dinâmico seria um modo de escapar da solidão gregária típica da organização racional e mecânica da vida social

moderna, instituída sobre a autonomia (o indivíduo é sua própria lei). Em oposição, estaria a figura do errante ou do viajante, que destrói fronteiras e vive, talvez de maneira inconsciente, em uma espécie de heteronomia (a lei vem do outro), a pessoa só existe em função do outro, o que restitui ao corpo social sua densidade e sua significação concreta. Somente a partir do momento que se livra da pressão de instituições tradicionais é possível comunicar, entrar em correspondência com o outro, viver uma forma de religação com a natureza e com o mundo social (Maffesoli, 2001).

Para Simmel, há um empenho inicial para estabelecer um cerco em torno da imagem do errante, daquele que se desvia, do marginal, do estrangeiro, com o objetivo de fixá-lo para depois domesticá-lo, impedindo-o de continuar suas aventuras. Tal cerco se estenderia também ao vagabundo, ao migrante, ao louco, entre outras imagens que se aproximariam do perfil do estrangeiro e através das quais haveria uma chance de experimentar uma sensação de inquietação e penúria. Ademais, a designação do outro e sua estigmatização alimentam as ideologias da exclusão, de desvio e da xenofobia (Moraes, 1983).

Em todos esses casos, Maffesoli (2001) indica que o território individualista se tornaria uma prisão, pois, ao invés de servir de base para uma possível partida, seria mais um lugar de fechamento. Mediante um ponto de vista universalista, ao propor a ultrapassagem de diversos territórios comunitários, a modernidade exacerbou o território individual e estigmatizou o nomadismo, ou seja, aquilo que ultrapassa a lógica da identidade própria do indivíduo.

Mas neste cenário, a dialética enraizamento-errância permanece atual



e o seu uso adequado pode originar uma visão mais harmoniosa entre pessoa e comunidade. Uma relação proveniente de uma *distância unida*, pois enquanto a sociedade sob a forma moderna tende a uniformizar e, ao mesmo tempo, a separar os indivíduos, a comunidade, como ideal típico, repousa sobre pessoas que se movem em papéis tipificados e diferentes articulados entre si. Assim, a temática sobre os valores do estranho e do estrangeiro ocupa posição de destaque na construção simbólica da ciberealidade social.

Todavia, as opiniões sobre o estrangeiro continuam complexas e ambíguas, podendo agir como instrumento de designação da diferença e modelo de identificação. Ademais, Simmel ressalta que a importância dada ao outro, ao estranho, apenas poderia ser compreendida em referência a nossa própria história, às incertezas identitárias e ao lugar de origem (Moraes, 1983).

Maffesoli (2001) ainda comenta que na base de toda organização social prevalece uma tensão entre lugar e não-lugar. Ele diz que se é verdade que o território é o *topos* do mito, não é menos verdade que toda sociedade tem necessidade de um não-lugar (*utopos*), utopia que lhe serve de fundamento, uma dialética sem conciliação. O autor argumenta que o território, embora necessário, é sempre relativo. Quer dizer, o território não é um fim em si, logo, o território apenas tem validade quando colocado em relação, associado à outra coisa ou a lugares, assim como aos valores ligados a esses lugares.

A cidade global delinea-se como um mundo em miniatura, que oferece, paradoxalmente, momentos e lugares totalmente vagos, portanto, oportunidades para se explorar a multiplicidade de seres que habitam

uma única pessoa e para estar aqui e em outro lugar. O habitante das megalópoles ou o navegante de redes ciberespaciais pode ser concebido como um nômade de gênero novo. Sobre o panorama da vida diária, Poster (1998) fala que cada um é sucessivamente confrontado a pessoas que não são da própria tribo ou da comunidade, não são parentes, e pertencem a etnias diferentes. “No entanto, o desejo de uma identificação étnica, pelo menos em alguns círculos, permanece forte. Talvez esta seja uma etnia pós-moderna, mediada por um mundo cada vez mais socialmente tecnologizado.” (Poster, 1998: 184). Consequentemente, uma necessidade de se juntar por meio da identificação étnica estaria motivando o encontro de brasileiros nômades, viajantes, estrangeiros, e não unicamente a noção de identidade.

Verifica-se, assim, o estabelecimento de uma espécie de correspondência mística, a do encontro do acaso objetivo, que é induzida pelo uso de tecnologias como a internet. O laço social constituído em contatos *on-line* não é menos sólido, justamente por ultrapassar os indivíduos em particular e unir a essência de um ser-conjunto instaurado sobre a fantasia. Como acontece nas comunidades tribais, como dos “Brasileiros no Exterior”, de estilo pontilhado, constituídas a partir de uma sucessão de encontros fugazes nas ruas, *off-line*, nas auto-estradas da informação no ciberespaço, entre olhares que se cruzam, causa e efeito do nomadismo.

Em um contexto amplo, o frenesi das viagens configura-se como uma estratégia disfarçada para viver a mobilidade, de modo semelhante, a ligação a um lugar só se torna possível ao ter como ponto de referência o seu inverso: o não-lugar mítico da utopia. O espaço original, um país, uma cidade ou

até um território simbólico, o ciberespaço, lembra um refúgio fechado a partir do qual o sonho da vida pode ser criado. O interessante é que quando esse sonho se realiza em sua totalidade ou em parte, ele se fundamenta na nostalgia do ninho, isto é, não há progressão sem regressão.

Outro aspecto relevante é que o dinamismo e a espontaneidade do nomadismo são marcados pelo desprezo de fronteiras, sejam nacionais, civilizacionais, ideológicas ou religiosas, optando por viver concretamente algo de abrangência universal, de valores humanistas (Maffesoli, 2001). Essa parece ser a situação das agregações *online* “Brasileiros no Exterior”, que podem ser definidas como de alcance universal, uma vez que reúne os brasileiros localizados geograficamente fora do território nacional. Condição em que a lógica da identificação, ser um brasileiro no exterior, mostra sua força diante da lógica da identidade cultural, o brasileiro, que não seria apagada ou mesmo substituída em sua totalidade, mas resignificada.

## 5. Conclusão

A pesquisa reconhece o surgimento de comunidades tribais autodenominada de “Brasileiros no Exterior”, formadas por migrantes do Brasil, errantes e nômades, que navegam e se apropriam do não-lugar da rede orkut para falar do país e do seu povo, mediante processos de reterritorializações simbólicas do território físico e da diversidade cultural. São pessoas que se reúnem no orkut devido à condição de ser migrante, estrangeiro, estranho, e não exclusivamente pelo fato de compartilharem a mesma nacionalidade, a brasileira. Trata-se de uma

lógica de identificação que ganha força com a possibilidade de se manter contato via internet. Nota-se que as dimensões *on* e *offline* da vida estão intimamente relacionadas, pois os assuntos abordados nos grupos remetem a acontecimentos que interferem no cotidiano dessa população, ao enfrentar uma série de dificuldades para se adaptar à nova realidade.

Na paisagem pós-moderna atual, a identificação entre cibermigrantes brasileiros seria tão ou mais forte quanto à noção de identidade nacional, fundadora. Um tipo de ajuntamento baseado no tribalismo contemporâneo e inspirado em uma concepção estética de valorização das subjetividades eletivas. Ademais, há toda uma reconfiguração de territórios físicos e simbólicos navegáveis na atualidade, a partir de movimentos de desterritorialização e reterritorialização desencadeados no ciberespaço analisado como não-lugar, espaço de circulação em que se mesclam povos e culturas, signos e significados, realidades e imaginários.

Neste sentido, o que estimula a associação dos migrantes brasileiros às comunidades de “Brasileiros no Exterior” é o interesse em comum, o fato de partilhar a experiência de se sentir diferente em um lugar e estranho a uma cultura. Sentimentos que despertam certa necessidade de aproximação a pessoas que tenham as mesmas referências culturais, tornando-se prazerosa a possibilidade de estar-junto por meio do contato via rede social orkut. A condição de ser um brasileiro afastado da terra natal, ser um aventureiro, nômade, gera comportamentos que talvez não se manifestassem sem o intermédio do ambiente virtual.

## 6. Bibliografia

- ALSTYNE, M.V.; BRYNJOLFSSON, E. (1997) *Electronic Communities: Global Village or Cyberbalkans?* Cambridge, MA.
- AUGÉ, M. (1994) *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1995) *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, v.1.
- GARCÍA CANCLINI, N. (1999) *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_. (2004) *Diferentes, Desiguales y Desconectados: Mapas de la Interculturalidad*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- HAESBAERT, R. (2004) *O Mito da Destrerritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HANNERZ, U. (1998) “Cosmopolitas e Locais na Cultura Global”, in Featherstone, M. (org.). *Cultura Global. Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Petrópolis: Vozes, p. 251-266.
- IANNI, O. (2001) *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (1999) *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LEMONS, A. (2006) “Ciberespaço e Tecnologias Móveis”, in Compós, 15, 2006, Bauru. *Anais...* Bauru: UNESP.
- MAFFESOLI, M. (2004) “A Comunicação Sem Fim”, in Martins, F.M.; Silva, J.M. (org.). *A Genealogia do Virtual: Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, p. 20-32.
- \_\_\_\_\_. (1996) *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1998) *O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Sobre o Nomadismo*. Rio de Janeiro: Record.
- MORAES, E. (1983) *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática.
- ORTIZ, R. (1985) *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- POSTER, M. (1998) “Virtual Ethnicity: Tribal Identity in an Age of Global Communications”, in Jones, S.G. *Cybersociety 2.0: Revisiting Computer-Mediated Communication and Community*. Thousands Oaks, California: Sage Publications, p. 184-211.
- RIFIOTIS, T. (2002) “Antropologia do Ciberespaço”, in *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, 51: 1-19.